

## Um olhar sobre o compartilhamento e a apreensão dos conhecimentos sob a luz da Psicologia Social: a contribuição da Teoria das Representações Sociais

*A look about the knowledge sharing and apprehension from the perspective of Social Psychology: the contribution of Social Representations Theory*

**Felipe Sales de Oliveira \***, **Maria Lucia Bianconi**

Programa de Educação, Gestão e Difusão em Biotecnologias do Instituto de Bioquímica Médica Leopoldo de Meis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

### Resumo

Desde a origem da investigação filosófica, uma das grandes questões dos estudiosos é entender de que maneira os conceitos e ideias são formados em nossa mente e qual a correspondência entre essas ideias e a realidade. Já no século XX, a sociologia refez as mesmas perguntas, assumindo um enfoque diferente. A preocupação deixou de ser como o indivíduo conhece, passando a se interessar e a enxergar o indivíduo inserido dentro de um grupo, começando, então, a se preocupar sobre como o próprio grupo chega ao conhecimento. A psicologia social, por meio da Teoria das Representações Sociais introduzida por Moscovici, em 1961, fornece-nos uma perspectiva teórico-epistemológica sobre como se formam esses conceitos e nos ajuda a entender como, e dentro de quais circunstâncias, os seres humanos compartilham o conhecimento e, através disso, estabelecem sua realidade em comum.

**Palavras-chave:** conhecimento; psicologia social; representações sociais.

### Abstract

*Since the origin of philosophical inquiry, one of the great questions of researchers is to understand how concepts and ideas are formed in our minds and what is the correspondence between these ideas and reality. In the twentieth century, sociology re-addressed the same questions, taking a different approach. The concern stopped being as the individual knows, to becoming interested and seeing the individual inserted within a group, and then worrying about how the group itself get the knowledge. Social psychology, through the Theory of Social Representations, introduced by Moscovici in 1961, provides us a theoretical-epistemological perspective on how these concepts are formed and helps us to understand how, and under what circumstances, persons share the knowledge and thereby establish their common reality.*

**Keywords:** knowledge; social psychology; social representations.

---

\* **F.S. Oliveira** – Endereço para correspondência: Av. Carlos Chagas Filho, 373. Centro de Ciências da Saúde, Bloco E, Sala 27B. Cidade Universitária, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CEP 21941-902. E-mail: felipe.bioliveira@gmail.com

## 1. Desenvolvimento e desmembramentos da teoria das representações sociais

Assim como acontece com diversos conceitos, que surgem em uma área e acabam ganhando contornos diferentes em outras, apesar de ser um aprofundamento da Teoria das Representações Coletivas (TRC), de Durkheim, foi no campo da psicologia social que o conceito de Representações Social foi cunhado (Arruda, 2002). Como a Teoria das Representações Sociais (TRS) busca compreender a realidade compartilhada de um grupo social, sua utilização não se restringiu à psicologia social, sendo expandida para diferentes áreas do conhecimento, como a saúde, o meio ambiente e a educação.

A TRS teve sua gênese na psicologia social com Moscovici (1961, *apud* Sá, 1996, p.31), sendo definida como:

um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum.

Farr (1998) explica que, para o desenvolvimento da teoria, Moscovici espelhou-se na TRC proposta por Durkheim, em 1898, que a explicou como sendo os conceitos formados coletivamente e que compreendem a bagagem cultural de uma sociedade. Para Durkheim, as Representações Coletivas (RC) são concebidas como uma forma de discernimento que a sociedade estabelece aos sujeitos. Moscovici percebeu que a teoria de Durkheim não poderia abranger o contexto de uma sociedade tão complexa e que, ao contrário da primeira, as representações sociais são geradas pelos sujeitos sociais e definem as estruturas das sociedades, não sendo, portanto, estáticas e imutáveis. Isto é, as representações sociais não se caracterizam como um tipo de herança recebida dos antepassados e transmitida de forma puramente reducionista. Dessa forma, a TRS se distingue da TRC quando Moscovici se direciona para as sociedades contemporâneas, que são dinâmicas, extremamente diversificadas e sensíveis às questões econômicas, culturais e governamentais vigentes. Assim, Moscovici (2012) não concorda com a visão reducionista apontada na teoria de Durkheim, esclarecendo que, nas sociedades modernas, existiriam poucas representações que poderiam, de fato, serem consideradas como coletivas. É preciso, ainda, ressaltar que na concepção 'moscoviana', as representações sociais não se constituem como representações de pessoas, mas, sim, como as representações que determinados grupos apresentam em relação a um objeto.

Pelo seu caráter dinâmico e fluido, Moscovici ainda diz que a essência da teoria é fácil de ser entendida, porém, o mesmo não vale para o seu conceito. De forma geral, Jodelet (2001) afirma que as representações sociais podem ser entendidas como sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros indivíduos. Sendo assim, orientam e organizam as comunicações sociais e a tomada de decisão individual. Nesse contexto, elas atuam em múltiplos processos, por exemplo, no compartilhamento e apreensão dos conhecimentos, no desenvolvimento individual e coletivo, na orientação das identidades individuais e sociais, na evolução e na definição dos grupos sociais.

Alves-Mazzotti (2008) explica a relação entre a representação social, a percepção e a formação de conceitos, segundo a visão de teoria de Moscovici. Essa autora diz que a psicologia clássica entendia a representação como uma mediação de características mistas, entre a percepção, majoritariamente sensorial, e o conceito, majoritariamente intelectual.

Todavia, a representação não é uma instância intermediária, mas, sim, um fenômeno que faz com que a percepção e o conceito, de alguma maneira, sejam intercambiáveis, dado que se arquivam de maneira conjunta.

Ao descrever as representações sociais, Moscovici salientou que as mesmas apresentam duas faces indissociáveis, analogamente a uma folha de papel: uma face seria a chamada de figurativa e a outra, de simbólica. Alves-Mazzotti (2008) explica que isso quer dizer que “cada figura corresponde um sentido e a cada sentido uma figura.” Em outras palavras, os fenômenos compreendidos na atividade representativa apresentam a função de realçar uma figura e, concomitantemente, dar-lhe um sentido, que passa a fazer parte do universo conhecido. Logo, a atividade representativa se apresenta como um processo psíquico que nos possibilita transfigurar um objeto distante e desconhecido em algo familiar, integrante do nosso universo.

No que tange, mais especificamente, aos grupos sociais, Maslow (1954) propôs a teoria da Hierarquia de Necessidades, enfatizando que as necessidades humanas podem ser hierarquizadas e que estas seriam divididas em cinco níveis. Dentre os diferentes níveis, podemos destacar o terceiro, que trata da necessidade social, onde Maslow explica que pertencer a grupos sociais é uma necessidade humana. Podemos dizer que esta teoria se encontra intimamente relacionada com a Teoria da Identidade Social, proposta por Tajfel e Turner (2004), que expressa o sentimento de pertencimento de cada indivíduo a um grupo social de acordo com o conjunto de suas vinculações, permitindo que uma pessoa se localize e seja localizada em um sistema social. Os critérios de vinculação podem ser manifestos, como faixa etária, gênero e etnia ou podem, ainda, ser um resultado do pensamento social do indivíduo. Portanto, podemos entender que as representações sociais nascem destas interações humanas, sendo expressas, criadas e compartilhadas pelos diferentes grupos sociais.

Jovchelovitch (1995) explica que a pesquisa desenvolvida em torno do conceito das representações sociais fundou um novo paradigma para o estudo dos fenômenos sociopsicológicos. Segundo a autora, o conceito de representação social foi desenhado tendo como fontes intelectuais, além da sociologia de Durkheim, a pesquisa sobre o desenvolvimento cognitivo de Piaget e a teoria sobre o inconsciente da mente humana proposta por Freud. Fica claro que, até então, a psicologia tradicional centrava-se no sujeito, como ser individual, e não como um ser social. Dessa forma, a teoria emerge como uma maneira de transpor o campo individual e partir para uma análise das questões humanas no campo social. Objetiva-se, portanto, verificar como os saberes sociais são criados em grupos específicos e como estes saberes se manifestam rotineiramente nas relações intergrupais.

Abrieu (1994) explica que as representações sociais podem auxiliar na análise e na procura por soluções de problemas sociais, já que consistem em um exame do comportamento mental individual e coletivo, sendo vistas como explicações que dirigem as relações dos indivíduos com a sociedade e da sociedade com os indivíduos, conduzindo e sistematizando o comportamento e a comunicação social. Dentro desse contexto, Wagner (1995), ao discutir sobre representação, afiliação de grupo e projeção, explica que uma das questões centrais a serem definidas quando se estuda as representações sociais diz respeito aos limites de sua validade, isto é, saber a qual grupo social pertence uma representação. Na tentativa de elucidar a questão, esse mesmo autor explica que experimentos em projeção social mostraram que as pessoas tendem a projetar suas opiniões sobre outras pessoas, se elas são percebidas como semelhantes em *background* (Wagner, 1995). Conseqüentemente,

a hipótese do autor é que as atitudes, opiniões, entre outros, idiossincráticas e privadas, são atribuídas a grupos sociais específicos, enquanto que o conhecimento relativo às representações sociais do sujeito é projetado para o dentro do grupo (Wagner, 1995).

Segundo Doise (1990), o emprego das representações sociais é muito vantajoso para o entendimento global acerca de um objeto em escrutínio, pois ela envolve um marco conceitual que abrange não só o nível intrapessoal, mas, também, o nível interpessoal e grupal. Portanto, podemos começar a análise a partir das representações pessoais de objetos sociais e chegar a uma análise das cognições grupais, possibilitando que o investigador tenha um entendimento holístico dos aspectos comuns de uma representação. Este entendimento das representações sociais como sendo um fenômeno público da gênese, disseminação e transformação das opiniões e crenças compartilhadas na manifestação cotidiana dos grupos sociais (Moscovici, 1984) foi que norteou este ensaio.

## 2. Vertentes Epistemológicas das Representações Sociais

Três abordagens se destacam quando se pretende caracterizar os estudos realizados a partir da ótica das representações sociais: a Culturalista, a Societal e a Estruturalista. A primeira apresenta um enfoque bem antropológico, sendo atualmente mais difundida por Jodelet. Já a Societal aparece com Doise e baseia-se nas formas de desenvolvimento e no fluxo das representações. A última foi descrita por Abric, sendo constituída a partir do sistema cognitivo-estrutural e reconhecida como Teoria do Núcleo Central (TNC). Todavia, é preciso frisar que as três abordagens não são excludentes. Na verdade, elas reafirmam e convergem para um entendimento da teoria de forma global (Almeida, 2009).

## 3. Face Metodológica das Representações Sociais

O estudo das representações sociais, reconhecidamente, admite múltiplas metodologias. São encontrados, na literatura, desde trabalhos com enfoque puramente etnográficos até pesquisas experimentais. Quanto à escolha da metodologia a ser empregada para a coleta dos dados, nota-se uma extensa gama de possibilidades, passando pelos questionários, por grupos focais, por testes de associação livre de palavras, pela análise documental e/ou entrevistas. Já em relação ao tratamento dos dados, verifica-se que também existem diferentes possibilidades, podendo-se aplicar tanto a álgebra booleana, quanto a análise de conteúdo ou análise do discurso (Wolter; Wachelke & Naiff, 2016). Alves-Mazzotti (2008) ainda explica que, ao se tratar do estudo das representações sociais, fica claro que não existe uma metodologia “canônica”. Portanto, cabe ao pesquisador, devido à grande variedade de metodologias existentes, estar atento às questões que cada vertente da teoria se propõe a responder. Na pesquisa em representações sociais, busca-se apreender seu conteúdo e sentido por meio de componentes que as integram (conhecimentos, crenças, imagens e outros) e que são manifestados pelos indivíduos e resgatados nas mais diversas metodologias. Contudo, para se caracterizar enquanto representação social, tais componentes precisam compor um campo estruturado, o que presume uma organização e hierarquização que definem seu conteúdo.

Menin, Shimizu & Lima (2009) destacam que não é comum encontrar trabalhos que acompanhem as transformações das representações sociais. Os autores atribuem essa limitação nos estudos deste campo a três possíveis fatores: o pouco tempo disponível para os

trabalhos, a pouca tradição de pesquisas longitudinais ou, ainda, uma tendência de desenvolvimento de trabalhos mais descritivos que explicativos, o que nos releva uma brecha interessante no campo a ser explorado.

#### 4. Representações sociais: ancoragem e objetificação

Naiff & Naiff (2013) explicam que as representações sociais são constantemente produzidas no universo sociocultural. Logo, para entender o que leva uma pessoa a se comportar de uma forma e não de outra, é preciso entender as relações sociais presentes no seu cotidiano. As reações de cada indivíduo diante de outras pessoas ou objetos são decorrentes das percepções e representações sociais que trazemos em relação a elas.

Como afirma Jodelet (1984), as representações sociais emergem na dimensão simbólica da vida social, já que elas agem sobre o mundo e sobre os outros. Elas se desenvolvem no cotidiano, nas relações que estabelecemos com amigos e familiares, no trabalho, ou seja, em qualquer ambiente onde exista uma realidade a ser compartilhada e apropriada. Moscovici (2012) diz que, no dia a dia, os indivíduos compartilham filosofias de vida que definem suas escolhas, seus hábitos e suas relações sociais. Novos acontecimentos alimentam as representações sociais, podendo estruturá-las ou até mesmo transformá-las. As novas informações devem passar por um processo de assimilação para serem apropriadas e, posteriormente, empregadas na vida cotidiana.

No que se refere às funções das representações sociais, enquanto forma de conhecimento prático, Spink (1993) destaca três funções: (i) função social, que direciona as atitudes e as comunicações; (ii) função afetiva, que preserva e atesta as identidades sociais; e (iii) função cognitiva, que objetiva a ambientação com a novidade.

O propósito fundamental para a utilização das representações sociais se consolida na busca pelo entendimento do mundo ao nosso redor. Sua função cognitiva, orientada pela busca da familiarização com o que é novo, transformando-o em algo conhecido, nos remete aos fenômenos responsáveis pela geração das representações sociais, conhecidos como objetificação e ancoragem, intrinsecamente associados (Vala, 2004). É preciso entender que objetivamos o que nos é desconhecido, conferindo-lhe uma forma, a tal ponto que se torna praticamente palpável, ou seja, transformamos o abstrato em concreto.

Também é importante entender como é feita a objetificação, que se dá em três fases:

- *Construção seletiva da realidade*: consiste na maneira específica usada pelas pessoas e grupos sociais para apossar-se dos conhecimentos relativos a um determinado objeto. Tal conhecimento passa por um processo de descontextualização, gerando uma nova estrutura apta para explicá-lo, analisá-lo e avaliá-lo;
- *Esquematização flutuante e formação de um núcleo figurativo*: consiste na gênese de uma estrutura de imagem que imita uma estrutura figurativa ou conceitual. A imagem dominante é o que podemos chamar de núcleo figurativo de certas representações;
- *Naturalização*: traduz-se na transformação dos elementos do núcleo figurativo, até então, abstrato, em algo concreto. O conceito passa a ser considerado como cristalizado, sendo transportado para dentro da própria realidade. (Moscovici, 1988; Folle & Geib, 2004; Balista, C., Basso, E., Cocco, M & Geib, L.T.C., 2004; Spink, 1993)

O processo de ancoragem acontece dentro do nosso respectivo agrupamento de ideias preexistentes, como as visões de mundo e normas sociais, servindo de alicerce para nossas atitudes. Contudo, o que se define como desconhecido, ou ainda como cita Moscovici, o “não familiar”, precisa apresentar um nível satisfatoriamente grande de importância dentro de certo grupo, pois, assim, poderá originar os compartilhamentos e, posteriormente, caracterizar-se enquanto representação social (Moscovici, 1988). Embora exista certa ambiguidade e falta de consenso sobre como e quando ocorre a ancoragem, diz-se que ela geralmente acontece junto com a objetificação. Em síntese, a ancoragem se estabelece na realidade social vivida e, desta forma, concluímos que, na verdade, é feita enquanto processo cognitivo intra-individual. (Devine-Wright & Devine-Wright, 2009; Wagner, 1995; Jovchelovitch, 1996)

É preciso também destacar que, segundo a teoria das representações sociais, a realidade é desmembrada em dois universos distintos de pensamento. De acordo com Moscovici (1984), estes seriam o universo consensual e o universo reificado. O universo consensual reflete o senso comum, situado nas atitudes rotineiras, nas quais as pessoas realizam sua construção do real através do meio onde estão inseridas, fornecendo explicações para as diferentes situações sem a visão de um cientista. É neste universo que se estruturam as representações sociais. Já o universo reificado, de maneira distinta, estabelece-se nos saberes e conhecimentos do mundo científico, tendo objetividade, rigor metodológico e acadêmico. Contudo, devemos entender que os dois universos estão em constante interação, originando a nossa realidade. Portanto, a partir das ciências podemos entender o universo reificado, enquanto que as representações sociais se estruturam no universo consensual, sendo originadas através de processos de ancoragem e objetificação, durante nossas interações cotidianas. O senso comum influencia a ciência assim como a ciência influencia o senso comum, logo, fica evidente que o universo consensual está intimamente relacionado com o universo reificado (Ferreira & Brum, 2000).

## 5. Considerações finais

A pesquisa sob a perspectiva das representações sociais nos fornece um olhar à luz da psicologia social, sendo um caminho promissor para a investigação sobre a forma como os indivíduos se apropriam do conhecimento, como ocorre o funcionamento dos sistemas de referência que as pessoas usam, além de auxiliar na interpretação dos acontecimentos da realidade cotidiana.

Este ensaio traz elementos que podem auxiliar pesquisadores e demais interessados na compreensão, apreensão e compartilhamento do conhecimento sob a ótica das representações sociais para, então, vislumbrar uma possível aplicação desta em seus estudos. Isso pode se dar através da aplicação do suporte teórico-metodológico da TRS e/ou através da uma abordagem multidisciplinar, no intuito de aprofundar a base teórica acerca da estruturação do conhecimento na mente humana.

## Referências

Abrieu, J. C. (1994). *Pratiques sociales et représentations*. Paris: Presses Universitaires de France.

- Almeida, A. M. O. (2009). Abordagem societal das representações sociais. *Sociedade e Estado*, 24 (3), 713-737.
- Alves-Mazzotti, A. J. (2008). Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. *Revista Múltiplas Leituras*, 1 (1), 18-43.
- Arruda, A. (2002). Teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Cadernos de Pesquisa*, 117, 127-147.
- Balista, C., Basso, E., Cocco, M & Geib, L.T.C. (2004). Representações sociais dos adolescentes acerca da violência doméstica. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 06 (03), 350-357.
- Devine-Wright, H. & Devine-Wright, P. (2009). Social representations of electricity network technologies: Exploring processes of anchoring and objectification through the use of visual research methods. *British Journal of Social Psychology*, 48, 357-373.
- Doise, W. (1990). Les représentations sociales. Em: Ghiglione, R.; Bonet, C.; Richard, J. F. (Eds.). *Traité de psychologie cognitive* (pp. 111-174). Paris: Dunod.
- Farr, R. M. (1998). From collective to social representations: Aller e retour. *Culture e Psychology*, 4 (3), 275-296.
- Ferreira, S. R. S. & Brum, J. L. R. (2000). Social representations and its contributions to the health area. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 20, 5-14.
- Folle, E. & Geib, L. T. C. (2004). Representações sociais das primíparas adolescentes sobre o cuidado materno ao recém-nascido. *Rev Latino-am Enfermagem*, 12 (2), 183-190.
- Jodelet, D. (1984). Représentations sociales: phénomènes, concept et théorie. Em: Moscovici, S. (Org.), *Psychologie sociale*. Paris: Presses Universitaires de France, 357-378.
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. Em: Jodelet, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 17-44.
- Jovchelovitch, S. (1995). Social representations in and of the public sphere: towards a theoretical articulation. *Journal for the theory of social Behaviour*, 25 (1), 81-102.
- Jovchelovitch, S. (1996). In Defence of Representations. *Journal for the theory of Social Behaviour*, 26 (2), 121-135.
- Maslow, A. H. (1954). *Motivation and personality*. (2ªed.) New York: Harper and Row.
- Menin, M. S. F.; Shimizu, A. M.; Lima, C.M. (2009) A teoria das representações sociais nos estudos sobre representações de professores. *Cadernos de Pesquisa*, 39 (137), 549-576.
- Moscovici, S. (1984). The Phenomenon of Social Representations. Em: Farr, R. & Moscovici, S. (Org.) *Social Representations*. Cambridge: University Press.
- Moscovici, S. (1988). Notes towards a description of Social Representations. *European Journal of Social Psychology*, 18, 211-250.
- Moscovici, S. (2012). *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Naiff, L. A. M. & Naiff, D. G. M. (2013). The division of schooling in learning cycles: social representations of teachers. *Psicologia & Sociedade*, 25 (3) 538-548.
- Sá, C. P. (1996). *Núcleo central das representações sociais*. Rio de Janeiro: UERJ; Petrópolis, RJ: Vozes.
- Spink, M. J. P. (1993). The concept of social representations in social psychology. *Caderno Saúde Pública*, 9 (3), 300-308.
- Tajfel, H. & Turner, J. C. (2004). The Social Identity Theory of Intergroup Behavior. Em: Jost, J. T., Sidanius, J. *Key readings in social psychology. Political psychology*. New York: Psychology Press, 276-293.

Vala, J. (2004). Representações sociais e psicologia social do conhecimento cotidiano. Em: Vala, J. & Monteiro, M. B. (Org.). *Psicologia social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 457-501.

Wagner, W. (1995). Social representations, group affiliation, and projection: knowing the limits of validity. *European Journal of Social Psychology*, 25, 125-139.

Wolter, R. P., Wachelke, J. & Naiff, D. (2016). A Abordagem Estrutural das Representações Sociais e o Modelo dos Esquemas Cognitivos de Base: Perspectivas Teóricas e Utilização Empírica. *Temas em Psicologia*, 24 (3), 1139-1152.